
BLOOM, Harold. *Como e Por Que Ler* (trad. José Roberto O'Shea). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

LEITURA COM PRAZER

Rita Couto

Mestre em Semiótica da Literatura (PUC-SP) e professora de Teoria Literária da UNINOVE e da UNICAPITAL

Além de lecionar nas Universidades de Yale e de Nova York, Harold Bloom é o mais polêmico crítico literário norte-americano da atualidade e defensor intransigente da tradição literária ocidental. Como todo bom crítico, não usa meias palavras.

Para ele, o valor estético de uma obra literária é o resultado do domínio das figuras de linguagem, da originalidade, do saber; não pode ter seu valor estético reduzido, em prol de princípios políticos, à função pragmática de uma ideologia. Bloom chama a rede acadêmico-jornalística (composta por marxistas, novos historicistas, feministas) de 'Escola do Ressentimento', pois essa rede se opõe ao seu cânone ocidental.

Sua obra *Como e Por Que Ler* foi muito criticada, mas é impossível passar despercebida pelos estudiosos (ou não) de literatura. Já no Prefácio, temos um aperitivo bastante saboroso sobre o que virá como entrada e quais serão os 'pratos principais'. Neste livro, Bloom deixa de lado os 'Stephens Kings' e 'Harrys Potters' para nos deliciar com o aprendizado de como e por que lermos poemas - curtos ou longos -, contos, romances e peças teatrais de autores clássicos, como Shakespeare, Tchekov, Blake, Cervantes; dos consagrados - Maupassant, Hemingway, Borges, Brontë, Proust e dos notáveis esquecidos - Flannery O'Connor, Tommaso Landolfi, Coleridge, West.

Bloom é categórico quando fala sobre a diferença entre informação e sabedoria: "Nos dias de hoje, a informação é fácil de ser encontrada, mas onde está a sabedoria?" (p. 15). Essa instigante questão é a ponta de lança de seu livro: num mundo de informações fragmentárias e descartáveis, não adianta negarmos que a sabedoria só é adquirida pela leitura, particularmente a boa leitura. É isso que ele resgata ao responder à pergunta "Por que ler?", mostrando que a leitura deve ser considerada um hábito pessoal, e não uma prática educativa: o hábito da leitura prazerosa, não obrigatória, em que o leitor vai atrás de seus heróis preferidos. Por esse caminho, ele estimula o leitor.

O autor já havia tocado nesta questão em sua obra anterior, *O Cânone Ocidental* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1995 – trad. Marcos Santarrita),

no capítulo sobre a grande escritora inglesa Virgínia Woolf: *Orlando de Virgínia Woolf: Feminismo como Amor à Leitura*. Em *Como e Por Que Ler*, ele amplia, desenvolve e aprimora essa idéia de amor à leitura e confessa: “Ler bem é um dos grandes prazeres da solidão; ao menos segundo a minha experiência, é o mais benéfico dos prazeres. Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros.” (p. 15)

Em seguida, Bloom nos delicia com uma seleção de contistas, poetas, romancistas, dramaturgos. Podemos nos perguntar por que este ou aquele escritor ficou de fora; mas não é esta a questão. O crítico nos ensina que a boa leitura é um dos máximos prazeres e que devemos praticá-la. Os autores aqui são de seu gosto pessoal, um excelente gosto por sinal.

Contos é o primeiro capítulo, e Bloom não se estende sobre uma definição do gênero. Não chega perto da perfeita definição de conto dada por Júlio Cortázar (o autor argentino compara o conto à fotografia e o romance ao cinema!). O objetivo de Bloom é descrever e criticar os contistas. Em sua lista estão: Ivan Turgenev, Anton Tchekov, Guy de Maupassant, Ernest Hemingway, Flannery O’Connor, Vladimir Nabokov, Jorge Luis Borges, Tommaso Landolfi e Italo Calvino. Para o crítico norte-americano “estes escritores, com sua arte, aproximaram-se da perfeição.” (p. 28)

No segundo capítulo, Bloom fala dos poemas - ou melhor, dos poetas e poetisas - e aqui a sua escolha começa com Housman, passa por Blake, Whitman, Dickinson, fala até de poemas anônimos datados em 1620, e chega a John Keats.

No que se refere ao gênero romance, o autor dividiu-o em duas partes: na primeira, temos uma lista de escritores que qualquer estudioso de literatura assinaria embaixo - Cervantes, Stendhal, Jane Austen, Dickens, Dostoiévski, Henry James, Marcel Proust e Thomas Mann. Antes de nos introduzir no gênero romance parte dois, Bloom apresenta seus escolhidos no gênero dramático, ou melhor, em peças teatrais, como ele mesmo prefere. Sua escolha é óbvia: começa com o bardo inglês da literatura universal, William Shakespeare. A peça? *Hamlet*. Depois, discorre sobre a fascinante e perturbadora personagem de Ibsen: *Hedda Gabler*. O estudo sobre peças teatrais é mais curto que o dos outros gêneros, mas não menos interessante, e o último escritor analisado é o genial Oscar Wilde, com a peça *A Importância de Ser Prudente*.

O quinto e último capítulo é o que podemos chamar de 'Romance: parte dois'. Os autores criticados são: Melville, Faulkner, West, Pynchon, McCarthy, Ellison e Morrison. Seria ingenuidade questionarmos por que nem Machado de Assis é citado pelo autor. Se o escritor brasileiro tivesse boas versões para o inglês ou Bloom conhecesse a língua portuguesa, com certeza o fundador da nossa Academia seria citado.

Provocativo, polêmico, instigante são algumas palavras que nos levam a reconhecer que, para Harold Bloom, mesmo que o nosso mundo seja dominado pelas imagens, ler vale a pena. E ler bem, muito bem.